



KAVANGO ZAMBEZI

ZONA DE CONSERVAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA (KAZA TFCA)

MANUAL DE REDUZIR e MITIGAR O CONFLITO HUMANO-UNGULATO (HUC)



Eland (*Taurotragus oryx*)

Índice

1	Introdução	2
1.1	Objectivo do manual	3
1.2	Objectivos do manual	3
1.3	Utilizadores-alvo do manual	3
2	Conflitos entre seres humanos e ungulados	3
2.1	Características comportamentais dos ungulados	3
2.2	Problemas comuns causados pelos ungulados	7
3	Métodos para reduzir e mitigar os conflitos entre seres humanos e ungulados	8
3.1	Vedação	8
3.2	Sensibilização da Comunidade	8
3.3	Intensificar a vigilância humana	8
3.4	Barreiras tradicionais	9
3.5	Dissuasores acústicos	9
3.6	Armadilhagem	9
3.7	Controlo letal dos animais problemáticos	10
3.8	Aumento das fontes de água alternativas	10
3.9	Planeamento da utilização dos solos	10
4	Formação	10
5	Conclusão	10
6	Detalhes de contacto	contracapa

Abreviaturas

CUH	Conflito entre Ungulados Humanos
CVSH	Conflito de Vida Selvagem Humana
KAZA TFCA	Área de Conservação Transfronteiriça do Kavango Zambeze
AP	Áreas Protegidas

Missão KAZA



“Gerir de forma sustentável o ecossistema do Kavango Zambeze, o seu património e recursos culturais com base nos melhores modelos de conservação e turismo para o bem-estar socioeconómico das comunidades e outras partes interessadas na e em redor da eco-região, através da harmonização de políticas, estratégias e práticas”

1. Introdução

Área de Conservação Transfronteiriça do Kavango Zambeze (KAZA TFCA) é uma iniciativa de colaboração transfronteiriça dos cinco Estados Parceiros, Angola, Botswana, Namíbia, Zâmbia e Zimbabué, na conservação dos recursos naturais partilhados e no desenvolvimento das comunidades na paisagem e em torno da mesma. A TFCA é um mosaico de usos múltiplos da terra composto por:

- Áreas protegidas (AP) sob a forma de: parques nacionais; reservas de caça;
- áreas de gestão da vida selvagem/jogo; reservas florestais; e áreas de conservação/concessões comunitárias; e
- áreas comunitárias (povoamento, pastoreio e culturas arvenses)

Há cerca de 3 milhões de pessoas instaladas em toda a paisagem do KAZA. A população humana é constituída principalmente por comunidades rurais, em grande parte dependentes da pastorícia de subsistência e da agricultura de sequeiro. O uso múltiplo do solo na paisagem do KAZA apresenta muitos desafios e oportunidades de desenvolvimento para as comunidades residentes.

O conflito entre o homem e a vida selvagem está a tornar-se rapidamente uma séria ameaça à sobrevivência de muitos ungulados que incluem búfalos, elandes, kudu, impalas, duiker comuns, porcos selvagens e ou javalis, entre outros. Na TFCA do KAZA, os ungulados selvagens, os humanos e o seu gado coexistiram durante milénios. Nas últimas décadas assistiu-se a um aumento dramático da frequência dos conflitos entre humanos e ungulados, resultante principalmente da necessidade cada vez maior de mais terra por parte da população humana. As alterações demográficas e sociais colocaram mais pessoas em contacto directo com animais selvagens à medida que as povoações se expandem para e em torno de áreas protegidas. No âmbito da TFCA do KAZA e das zonas circundantes, onde muitas pessoas rurais vivem nas proximidades das áreas protegidas, uma única incidência de ataques às culturas pode impor graves dificuldades económicas e de subsistência a indivíduos e famílias. Como retaliação, os seres humanos geralmente disparam, envenenam, capturam, ferem ou matam os animais.

O manual analisa especialmente os conflitos com os ungulados que são os mais comuns nos ataques e destruições de culturas.

A KAZA TFCA, a maior área de conservação transfronteiriça do mundo, é uma paisagem de conservação extremamente importante para grandes ungulados de todos os tipos, incluindo búfalos, elandes, kudu e porcos selvagens, entre outros. Estes ungulados são também um atractivo fundamental para a indústria do turismo na paisagem do KAZA, pelo que a sua perseguição devido aos danos causados às culturas e aos seres humanos pode ter impactos negativos não só nos processos ecológicos, mas também na indústria do turismo. A fim de reduzir e mitigar os resultados indesejáveis das interações entre os seres humanos e os ungulados, é necessário fornecer informações a todos os intervenientes na ACTF do KAZA sobre vários métodos que possam permitir uma coexistência mais harmoniosa entre as pessoas e estes animais.

Figura 1: Touro Impala (*Aepyceros melampus*). Um dos antílopes mais comuns e graciosos.



1.1 Objectivo do manual

O objectivo geral deste manual é o seguinte:

- melhorar a compreensão dos conflitos entre as pessoas e os ungulados; e
- Assistir as comunidades afectadas na aplicação das melhores práticas de gestão para reduzir e mitigar os conflitos.

1.2 Objectivos do manual

Os objectivos do presente Manual são os seguintes:

- Dotar as comunidades de conhecimentos sobre conflitos humanos ungulados; e
- Ajudar as comunidades a compreender e aplicar as melhores práticas de gestão na atenuação dos conflitos entre os ungulados humanos.

1.3 Utilizadores-alvo do manual

- Agricultores (de subsistência e comerciais) que vivem e são afectados por conflitos de ungulados humanos
- Gestores da vida selvagem e extensionistas da gestão dos recursos naturais
- Pessoas interessadas na coexistência de pessoas e ungulados

2 Conflito entre os ungulados humanos

As comunidades de base agrícola adjacentes a áreas protegidas na região estão a registar incidentes recorrentes de ataques de culturas por parte de ungulados. Além disso, são comuns os ataques humanos que resultam em lesões e, por vezes, em mortes, bem como a perda de gado devido a doenças zoonóticas.

2.1 Características comportamentais dos ungulados

Búfalos

Alimentação e dieta: Os búfalos africanos são herbívoros e dedicam uma grande parte do seu tempo à alimentação. Depois de pastar erva e sedimentos, passam algum tempo a mastigar o seu mimo, ou bolus, para extrair mais nutrientes da sua alimentação. Preferem as folhas de erva, que dominam a sua dieta durante a estação das chuvas. Na ausência de alimentos adequados e durante a seca, os búfalos podem adaptar-se aos recursos improváveis ou percorrer longas distâncias para os encontrar.

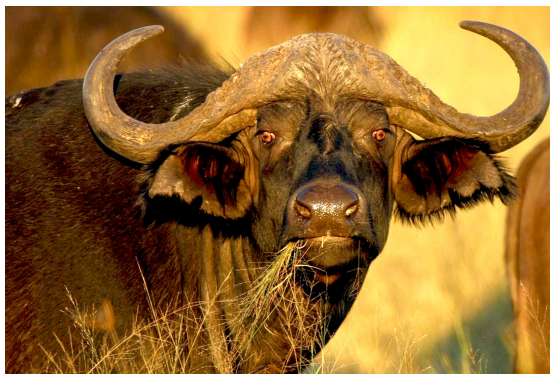


Figura 2: Africano ou Buffalo Cabo (*Syncerus caffer*) vivem em grandes manadas.

Habitat: Os búfalos africanos podem viver praticamente em qualquer habitat com água e erva permanentes. Encontram-se em florestas densas de planície, florestas de planície, florestas e prados montanhosos, prados de Acácia, bosques de miombo, savanas costeiras, planícies e matos semi-áridos. Preferem uma proximidade próxima, inferior a um quilómetro, à água e só se encontram a menos de 20 km de água.

Comportamento: São sociais e congregam-se em rebanhos que vão desde poucos indivíduos até mais de mil. Em geral, os rebanhos são mais pequenos em vegetação mais densa. Não são estritamente diurnos, mas apresentam actividade ao longo das 24 horas do dia, geralmente com períodos de descanso de baixa actividade no início da manhã e no final da tarde. As decisões sobre onde pastar parecem ser determinadas pelas fêmeas, porque se os machos da frente pararem para pastar antes do seu destino pré-determinado, as fêmeas de trás simplesmente continuam sem elas.

Terra Comum

Habitat: O elande comum prefere habitats com uma grande variedade de plantas floríferas, como savanas, bosques e prados abertos e montanhosos. A terra evita florestas densas.

Alimentação: São herbívoros que navegam durante os meses mais secos do Inverno, mas que também se adaptaram ao pastoreio durante a estação das chuvas, quando as gramíneas são mais comuns. Requerem uma dieta rica em proteínas de folhas suculentas de plantas em flor, mas consumirão material vegetal de menor qualidade, se disponível, incluindo árvores forçadas, arbustos, gramíneas, sementes e tubérculos. O elando pode conservar água ao aumentar a sua temperatura corporal. A maior parte da sua água é obtida a partir dos seus alimentos, embora bebam água quando disponível. Alimenta-se durante a noite com tempo quente e dorme por longos períodos durante o dia.

Reprodução: As fêmeas têm uma maturidade sexual de 15-36 meses e os machos de 4-5 anos. O acasalamento pode ocorrer em qualquer altura depois de atingir a maturidade sexual, mas é sobretudo observado na época das chuvas. O acasalamento começa quando os elandes se juntam para se alimentarem em planícies verdejantes com erva abundante e alguns machos e fêmeas começam a acasalar uns com os outros em pares separados. As fêmeas têm um período de gestação de 9 meses, e dão à luz apenas uma cria de cada vez.

Socialidade: Homens, mulheres e jovens formam, cada um, grupos sociais distintos. Os grupos masculinos são os mais pequenos; os membros permanecem juntos e procuram alimentos ou fontes de água. O grupo feminino é muito maior e cobre áreas maiores. Percorrem as planícies herbáceas em períodos húmidos e preferem áreas arbustivas em períodos secos.

Comportamento: As terras são nómadas, uma vez que se deslocam regularmente de e para as mesmas zonas sem uma área fixa de habitação. São também crepusculares (ativos principalmente durante o crepúsculo), não territoriais e formam manadas com um máximo de 500 animais. O elande comum é o antilope mais lento, com uma velocidade de pico de 40 quilómetros por hora que os cansa rapidamente. Os elos são capazes de saltar até 2,5 metros a partir de um arranque em pé quando assustados até 3 metros para elos jovens.



Figura 3: Common Eland (*Taurotragus oryx*) são grandes saltadores, apesar do seu enorme tamanho.

Kudu

Alimentação: A sua dieta é constituída por folhas, erva, rebentos e ocasionalmente tubérculos, raízes e frutos. Eles alimentam-se e bebem de manhã cedo e ao fim da tarde, adquirindo água de charcos ou raízes e bolbos com um elevado teor de água. Embora tendam a permanecer numa zona, os kudus maiores podem procurar água a grande distância, em períodos de seca.

Habitat: O seu habitat inclui matas mistas. O kudu é um dos poucos maiores mamíferos que prefere viver em áreas povoadas - em matas de mato e mato em campos abandonados e pastagens degradadas, mopane bush e Acácia em terras baixas, colinas e montanhas. Por vezes, só se aventuram nas planícies se houver uma grande abundância de arbustos, mas normalmente evitam essas áreas abertas para não se tornarem um alvo fácil para os seus predadores.

Comportamento: Durante o dia, o kudus normalmente deixa de estar activo e, em vez disso, procura abrigo debaixo da floresta, especialmente durante os dias quentes. Os rebanhos dispersam-se durante a estação das chuvas, quando a alimentação é abundante. Durante a estação seca, existem apenas algumas áreas concentradas de alimentos, pelo que os rebanhos se reúnem. Os kudu maiores não são territoriais, têm, pelo contrário, áreas de habitação. Não são suficientemente rápidos para escapar aos seus principais predadores em terreno aberto, pelo que tendem a depender de saltar sobre arbustos e pequenas árvores para se livrarem do perseguidor. Os kudus maiores têm uma excelente audição e uma visão aguda que os ajuda a alertar para a aproximação do predador.



Figura 4: O Kudu maior (*Tragelaphus strepsiceros*) tem uma esperança de vida de até 10 anos na natureza e 23 anos em cativeiro.

Impala

Habitat: Os Impalas preferem habitats de savana, bosques abertos e prados muitas vezes perto de uma fonte de água. As zonas de relva curta com povoamentos médios ou densos de mato e um abastecimento permanente de água são o habitat ideal para as impalas. Evitam, a todo o custo, as zonas de erva alta.

Alimentação: Os Impalas são simultaneamente herbívoros e navegadores que se alimentam de erva, frutos, folhas de arbustos e árvores, rebentos e plântulas. As Impalas são activas tanto de dia como de noite e dependem da água.



Figura 5: Uma manada de impala, feminina (ovelhas), a ruminante mais abundante no KAZA TFCA.

Comportamento: Os Impalas são altamente gregários animais que formam rebanhos de várias centenas de animais. Quando as condições são difíceis na estação seca, juntam-se em manadas mistas para procurarem alimentos. Durante a estação das chuvas mais abundantes, os machos e as fêmeas separam-se em manadas diferentes. Os Impalas são criaturas muito rápidas e ágeis, capazes de saltar alto no ar, com exhibições chamadas pronking (como forma de exibição ou quando alarmados) e desobstruir alturas superiores a 3 metros.

Reprodução: A época de reprodução dos Impalas ocorre no final da estação das chuvas, por volta de Maio. Após um período de gestação de 7 meses, nasce um único cordeiro que será suficientemente forte para andar dentro de algumas horas. A fêmea dá à luz num local isolado, longe do rebanho. As fêmeas dão à luz pela primeira vez aos 3 anos de idade..

Duiker comum

Habitat: Encontra-se nos prados, nas savanas e nos arbustos karroides, no sul do Sara, em África. Encontram-se geralmente em habitats com cobertura vegetal suficiente para lhes permitir esconder as savanas e as zonas montanhosas, incluindo as franjas de povoaamentos humanos.

Alimentação: O duiker comum tem uma dieta bastante alargada. São omnívoros, comem tipicamente as folhas e os rebentos de arbustos, e as frutas e flores que alimentam as aves caíram no chão. Também desenterram tubérculos e raízes com os seus cascos. Os duikers comuns também podem comer insectos e até lagartos, rãs e roedores. e aves ninhadas. Ocasionalmente podem comer carniça.

Comportamento: Os duikers comuns são activos de manhã cedo, à noite e à noite. Durante as partes quentes do dia, eles ficam deitados nos seus locais de descanso.

Reprodução: Estes animais formam pares monogâmicos de reprodutores. Isto significa que um macho acasala e vive apenas com uma fêmea. Não foram encontradas provas de um período de reprodução de pico. Sabe-se que as fêmeas produzem crias em qualquer altura do ano, com uma gestação que dura provavelmente 4-7 meses. Os recém-nascidos estão bem desenvolvidos à nascença e são capazes de funcionar num período de vinte e quatro horas.



Figura 6: Duiker Comum (Sylvicapra grimmia).

Porco selvagem e javali

Habitat: Encontram-se numa grande variedade de habitats, desde zonas áridas secas a florestas e prados de alta montanha, passando por floresta tropical densa. Os porcos selvagens podem viver em áreas remotas e densamente povoadas, próximas da civilização humana. Para sobreviverem numa determinada área, necessitam de recursos forrageiros fiáveis e adequados disponíveis sazonalmente e de acesso diário a água bem distribuída, sombra e cobertura de fuga, durante todo o ano.

Alimentação: São um omnívoro altamente versátil, cuja diversidade na escolha dos alimentos é comparável à dos seres humanos. Os seus alimentos podem ser divididos em quatro categorias;

- Rizomas, raízes, tubérculos e bolbos, todos eles cavados ao longo do ano em toda a área de distribuição do animal.
- Frutos de casca rija, bagas e sementes que são consumidos durante a maturação e que são desenterrados da neve quando abundam.



Figura 7: Javali Comum (Phacochoerus africanus).

- Folhas, cascas, galhos e rebentos, juntamente com o lixo
- Minhocas, insectos, peixes, roedores, insectívoros, ovos de aves, lagartos, cobras, sapos e carniça. A maior parte destas presas são capturadas em períodos quentes.

Socialidade: Os porcos selvagens são animais sociais tipicamente encontrados em grupos de dois ou mais indivíduos, em especial as fêmeas. A unidade social de base é a porca e a sua ninhada, enquanto os machos adultos tendem a ser na sua maioria solitários.

Comportamento: Como os suínos selvagens não conseguem arrefecer fisiologicamente, chafurdam durante todo o ano, especialmente durante o tempo quente, a fim de baixar a temperatura corporal e como medida de protecção contra os insectos. Os porcos selvagens esfrega-se frequentemente tanto contra objectos naturais como contra objectos criados pelo homem. A função deste comportamento é proporcionar conforto, remover o excesso de lama, remover pêlos e eliminar mecanicamente o corpo de parasitas externos. Os porcos selvagens têm um olfacto apurado.



Figura 8: O porco-da-mata distingue-se pelas suas marcas menos coloridas, pelos mais grossos e maiores tamanhos.

2.2 Problemas comuns causados pelos ungulados

Ataque a culturas

O ataque a culturas é a forma mais comum de conflito entre as pessoas e estes ungulados. Provoca investimentos económicos, elevados em dinheiro e tempo na protecção das culturas, em todas as fases da produção agrícola. As culturas não-palatáveis, mas rentáveis, são ainda mais prejudicadas pela acção dos cascos e pelos movimentos no campo de cultivo.

Transmissão de doenças

Transmissão de doenças endémicas e emergentes que se filtram através da interface homem-ungulado, como a tuberculose bovina, a febre aftosa, aos bovinos e aos seres humanos a partir dos búfalos; infecção por brucelose através do consumo de fungos da raiz de raiz de raiz de porco selvagem infectados.

Ataques a seres humanos

Sabe-se que os búfalos africanos atacam e ferem ou matam pessoas, especialmente quando estão feridos ou quando um bezerro está a ser atacado. São amplamente considerados entre os animais mais perigosos do continente africano. Estima-se que sejam responsáveis por mais de 200 mortes por ano. Os ataques reais do Warthog aos seres humanos são raros, mas podem ser graves, resultando em múltiplas lesões penetrantes na parte inferior do corpo. Ocorrem geralmente durante a época de cio dos javalis, de Novembro a Janeiro, nas zonas agrícolas limítrofes das florestas, ou em caminhos que atravessam as florestas.

Prejuízos para o ambiente

A degradação do ambiente é a forma mais evidente de danos ambientais causados por ungulados, especialmente búfalos e porcos migratórios. Quando grandes manadas de búfalos migram, o seu efeito de atropelamento tem efeitos adversos nos solos desprotegidos. Soltam os solos, tornando-os vulneráveis à erosão que resulta no assoreamento das massas de água. A partir dos porcos selvagens, induzem danos devido ao enraizamento, ao atropelamento, ao amortecimento ou à fricção das árvores e ao consumo de plantas e organismos do solo. O comportamento de enraizamento dos suínos tem estado ligado a zonas de elevada humidade do solo. Este comportamento de enraizamento pode perturbar gravemente a composição do microrganismo do solo e, subsequentemente, o ciclo de nutrientes. O enraizamento pode também perturbar a regeneração das plantas, alterar a composição da comunidade vegetal e permitir a erosão da água em zonas de drenagem onde o solo tenha sido gravemente perturbado. Os ungulados podem destruir fisicamente a vegetação, pisando-a ao longo dos seus caminhos.

3 Métodos para reduzir e mitigar os conflitos entre seres humanos e ungulados

3.1 Vedação

Se forem devidamente concebidas, construídas e mantidas, as vedações podem ser eficazes na prevenção de conflitos entre as pessoas e os ungulados. São utilizadas para proteger culturas, pessoas e animais e para isolar áreas protegidas para que os ungulados não façam interface com as pessoas e as suas actividades. Esta barreira física que separa os animais selvagens das actividades humanas é a medida de mitigação mais desejável do HUC por parte das comunidades. As vedações também ajudam a prevenir a transmissão de certas doenças contagiosas endémicas, como a febre aftosa, a peste suína africana e a teileriose. O estabelecimento de zonas de controlo, vedações à prova de caça, cordões sanitários e controlo dos movimentos para separar a fauna selvagem do gado doméstico tem dado frequentemente os melhores resultados.

Embora a introdução de vedações seja uma boa forma de gerir o HUC, traz também uma série de desvantagens ambientais e económicas e nunca é 100% eficiente. A vedação das explorações agrícolas criou barreiras físicas aos ungulados migratórios, como os búfalos. As barreiras físicas nem sempre são a melhor prática de gestão económica. Requerem frequentemente mão-de-obra adicional dos agricultores e dos seus familiares e nunca garantem uma protecção completa.

3.2 Sensibilização da Comunidade

A sensibilização para o HUC pode ser realizada a diferentes níveis na comunidade, por exemplo, nas escolas ou em arenas de educação de adultos, como os dias de campo dos agricultores. A educação de crianças e adultos através da autoridade tradicional dos chefes e estruturas afins é rentável. As actividades de educação e formação poderiam ser orientadas para a divulgação de técnicas inovadoras e práticas, o reforço da capacidade local para a prevenção do HUC e uma maior compreensão pública dos conflitos entre seres humanos e uruguaio. A educação dos aldeões rurais em competências práticas ajudá-los-ia a lidar com ungulados perigosos como os búfalos e os porcos selvagens e a adquirir e desenvolver novos instrumentos de defesa das suas culturas. Mais de tempo, resultaria numa mudança de comportamento entre as populações locais e contribuiria para reduzir os riscos, melhorar os meios de subsistência locais e reduzir a sua vulnerabilidade.

3.3 Intensificar a vigilância humana

A vigilância é uma componente importante da protecção das culturas e da gestão de conflitos de ungulados humanos. As torres de vigilância que proporcionam bons pontos de observação, construídas em torno dos campos cultivados, podem aumentar as hipóteses de os agricultores serem alertados para a presença de vida selvagem potencialmente nociva antes da ocorrência de danos. Alguns métodos monitorizados à distância, como sistemas de alarme simples, utilização de uma rede de campânulas ligadas ao longo de um comprimento de fio e atear fogo nas extremidades dos campos de cultivo, também podem ser utilizados para afugentar os potenciais ungulados problemáticos.



Figura 9: Se as vedações forem devidamente desenhadas, construídas e mantidas, são eficazes na gestão dos ungulados.



Figura 10: Recomenda-se a manutenção regular das vedações.



Figura 11: As cercas podem perturbar os padrões de movimento da vida selvagem, causar fragmentação do habitat e mortalidade.

3.4 Barreiras tradicionais

A utilização de barreiras tradicionais como sebes de cactos espinhosos, ramos espinhosos mortos e muros de pedra tem sido amplamente utilizada na protecção dos campos de cultivo contra os ungulados, com diferentes graus de sucesso. Os ungulados como o kudu e a impala podem saltar facilmente sobre a maioria das barreiras físicas, daí a necessidade de ter barreiras complementadas por outras formas de dissuasão física. Cada método é eficaz para a protecção de uma espécie específica do que o outro. Podem ser aplicados simultaneamente diferentes métodos para aumentar a eficácia. Os javalis podem escavar por baixo de vedações.

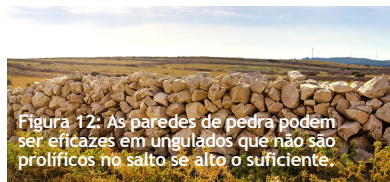


Figura 12: As paredes de pedra podem ser eficazes em ungulados que não são prolíficos no salto se alto o suficiente.

3.5 Dissuasores acústicos

Os dissuasores acústicos emitem um ruído alto inesperado ou sons específicos conhecidos por assustar a vida selvagem. Os métodos acústicos tradicionais incluem; bater tambores, latas e árvores; utilizar chicotes para além de gritar, gritar e assobiar; e a activação de dispositivos explosivos, tais como detonadores de bambu com carboneto de cálcio ou fertilizantes, bombas de canalização e pólvora artesanal. Este método é eficaz na dissuasão de ungulados como impala, kudu e eland; animais que desconfiam da presença humana.

Figure 13: Ungulates such as kudu, impala and eland can be deterred by acoustic techniques.



3.6 Armadilhagem

A armadilhagem é utilizada principalmente para ungulados como o kudu, a impala e outros pequenos ungulados como o duiker comum e os porcos selvagens. Trata-se de uma técnica flexível que pode ser aplicada ao longo dos caminhos do animal. As armadilhas podem ser baratas e concebidas com material de fabrico caseiro. As comunidades são incentivadas a utilizar métodos de armadilhagem que sejam humanos e não provoquem danos ambientais. As armadilhas são de diferentes tipos, formas e desenhos e podem ser fabricadas de acordo com as espécies-alvo. No entanto, a armadilhagem pode não ser prática para o controlo em grande escala. Na maioria das comunidades da região KAZA, a maioria dos agricultores considera fácil lidar com ungulados como o kudu, o eland, a impala e o duiker comum.



Figura 14: Armadilha de caixa.



Figura 15: Armadilha de porco redonda.



Figura 16: Portão desencadeia armadilha de porco selvagem.



Figura 17: Armadilha de porco de barril usada na captura de porcos e javalis.

3.7 Controlo letal dos animais problemáticos

O tiro é um método amplamente utilizado para lidar com animais problemáticos perigosos, como os búfalos solitários. O método é utilizado sempre que a vida humana esteja em perigo ou que tenham sido cometidos ataques que resultem em ferimentos ou mortes. O método está envolto num equilíbrio entre a política dos activistas dos direitos dos animais e a sensibilidade do impacto que os animais terão causado à comunidade se for feita uma tentativa de vida ou se ocorrer uma morte. Os tiros também podem ser utilizados para atenuar o HUC causado por suínos selvagens. O abate de alguns animais tem frequentemente apenas um efeito a curto prazo.

3.8 Aumento das fontes de água alternativas

A existência de bebedouros separados para os seres humanos e o seu gado e para os ungulados pode ajudar a mitigar a transmissão de doenças e os ataques de pessoas. O desenvolvimento e a criação de novos pontos de água reduzem os encontros entre pessoas, gado e ungulados no parque e podem, consequentemente, reduzir os níveis de conflito.

3.9 Planeamento da utilização dos solos

O desenvolvimento e a implementação de planos de utilização participativa dos solos é importante nos regimes de ordenamento do território. Os planos de ordenamento do território permitem a separação das actividades de utilização dos solos e minimizam os conflitos. As zonas podem ser demarcadas como zonas de vida selvagem, reservas, terrenos comunais e comerciais, com estilos de gestão específicos para cada zona.

4 Formação

A formação deve ser um processo contínuo para todas as partes interessadas. Devem ser executados periodicamente vários programas de formação dirigidos aos agricultores e aos extensionistas para melhorar a capacidade técnica das várias partes interessadas que são responsáveis pela resposta ao CAH. A compreensão do comportamento dos animais e da gestão da vida selvagem, bem como os programas de sensibilização geral, devem fazer parte integrante das autoridades responsáveis pela gestão da vida selvagem.

5 Conclusão

É essencial dispor de informações geo-referenciadas espaciais e temporais precisas sobre quando e onde o conflito está a ocorrer. Este entendimento, juntamente com a implementação de medidas de mitigação adequadas, deverá conduzir a uma melhor focalização nas áreas-alvo e nas espécies mais relevantes. As autoridades de gestão e conservação da vida selvagem precisam de compreender os hotspots HWC nas suas respectivas componentes e conceber programas sólidos de apoio às comunidades contra os danos causados à vida selvagem. Os programas de apoio devem ser acompanhados de um apoio eficaz à implementação de medidas de mitigação e de ferramentas de monitorização e avaliação. A fim de obter resultados positivos no tratamento dos HWC, solicita-se a todas as partes interessadas que assegurem que:

- As intervenções acima referidas são constantemente implementadas e apoiadas, e não apenas como campanhas ocasionais;
- Há uma maior participação activa nas actividades estratégicas por parte dos vários responsáveis pela mitigação da HWC;
- Há oportunidades para introduzir outros mecanismos e abordagens inovadoras para lidar com qualquer tipo de CAH; e
- Existe uma capacidade adequada em termos de equipamento, conjunto de competências, tecnologia e recursos financeiros para apoiar eficazmente a atenuação da HWC.

Photography Credits: Tags/kenia,wildlife/Interesting, Fig.1 Shem Compion, Fig.2 Malvern Karidozo, Fig.3 Shem Compion, Fig.4 Ann Gadd, Fig.5 Shem Compion, Fig.6 Graham Cooke, Fig.7 Julie Phippen, Fig.8 <http://vernonvilliers-aube.eklablog.com/>, Fig.9 Michael la Grange, Fig.10 Fondation IGFIB OTTO, Fig.11 Michael la Grange, Fig.12 Clanak Baljenac, Fig.13 www.birdstop.co.uk, Fig.14 Kana Koichi, Fig.15, 16, 17 Jim Mitchell.



KAVANGO ZAMBEZI

ZONA DE CONSERVAÇÃO TRANSFRONTEIRIÇA (KAZA TFCA)



Angola

Ministério da Cultura, Turismo e Ambiente
Rua do MAT - Complexo
Administrativo
Clássico to Talatona
Edifício N° 4, 7°, Andar, Luanda, Angola
Tel: (244) 918458421



Botswana

Department of Wildlife and National Parks
Plot 50380 Moedi House, Fairgrounds
Gaborone, Botswana
Tel: (267) 3971405 • Fax: (267) 3180775



Namibia

Ministry of Environment, Forestry and Tourism
Trotskie Building, 1st Floor
Private Bag 13306, Windhoek
Phillip Trotskie Building, Windhoek, Namibia
Tel: (264)-61 2842335 • Fax: (264)-61 229936



Zambia

Department of National Parks and Wildlife
Conservation Division
Private Bag1, Kafue Road, Chilanga, Zambia
Tel: (260) 211 278 129 / 278 482/279 080
Fax: (260) 211 278 524/278 299



Zimbabwe

Zimbabwe Parks and Wildlife Management Authority
The Conservation Division
Conner Sandringham and Borrowdale Roads
Botanical Gardens
P. O. Box CY140 Causeway, Harare, Zimbabwe
Tel: (263) 4 707624-8 • Fax: (263) 04 726 089

Enquiries

KAZA TFCA Secretariat
P. O. Box 821 Kasane, Botswana
Tel: +267 625 1332/1269
Fax: +267 625 1400
Email: info@kavangozambezi.org
www.kavangozambezi.org

Compilado por
Conservação Conectada e
Secretariado do KAZA TFCA



Implemented by



info@connectedconservation.com
www.connectedconservation.com